

O QUE DIZEM OS ESCRITORES SOBRE A DEFINIÇÃO DO QUE SE TEM CHAMADO DE AUTOFICÇÃO

Talles de Paula Silva

(Mestrando em Estudos Literários, UFJF)

tallesdepaula@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho é o resultado do cruzamento de vários artigos escritos por importantes intelectuais contemporâneos que se dedicam ao estudo das escritas de si, e das autoficções, mais especificamente. Iniciamos com o levantamento do que se tem produzido na França, uma vez que é neste país que podemos encontrar os mais fecundos debates sobre a conceituação, bem como a caracterização daquilo que se vem chamando de *autoficção*. Em seguida, trouxemos à cena os trabalhos de dois latino-americanos, Diana Klinger e Silviano Santiago, que, fora do cenário cultural europeu, têm contribuído para os estudos acerca deste novo “gênero” entre nós. Nosso objetivo é apresentar os diversos pontos de vista teóricos, a fim de contribuir para a ampliação das reflexões sobre a escrita autoficcional dentro da Crítica Literária brasileira.

Palavras-chave: Autoficção, escritas de si, ficção e verdade.

1. Introdução

O termo autoficção, que já vem sendo discutido e problematizado por muitos escritores e críticos franceses como Serge Doubrovsky, Philippe Vilain e Vincent Colona, tem sido objeto de reflexões também entre os latino-americanos, tais como

Silviano Santiago e Diana Klinger, e todos eles têm empreendido esforços no sentido de inserir os debates acerca deste novo “gênero” dentro da teoria literária contemporânea.

Compreender o que seria autoficção está dentro das principais problemáticas encontradas hoje no estudo das escritas de si. Analisá-la e descrevê-la é de fundamental importância para que repensemos questões como o limite entre verdade e ficção, e o próprio conceito de Literatura.

De modo geral, podemos tentar definir autoficção como uma nova forma de escrita autobiográfica, própria, talvez, da era pós-moderna, em que a narrativa dos fatos da vida do autor é feita através de uma linguagem própria do gênero romanesco, ou seja, de uma escrita que se pretende artística. Além disso, para muitos, a autoficção também porta fabulações, invenções e distorções em relação à verdade dos fatos, uma vez que permite a introdução, no texto autobiográfico, de sentimentos, desejos, sonhos, frustrações e devaneios do escritor, numa reconstrução inventada e romanceada daquilo que ele viveu.

O objetivo deste trabalho é fazer uma retomada da história do neologismo e apresentar ao público as principais definições dadas por esses e outros pesquisadores acerca do que seria considerada, hoje, uma autoficção. Nesse sentido, procuramos problematizar o assunto, trazendo à tona os grandes críticos e teóricos franceses, para então destacar as obras de Diana Klinger e Silviano Santiago, na América Latina.

2. O que dizem os franceses

Para avançarmos em nossa discussão acerca do assunto, se faz necessária uma retomada de conceitos básicos do grande estudioso das autobiografias, o crítico francês Philippe Lejeune. Tomemos um momento de sua obra *O pacto autobiográfico* (1973), em que ele desenha uma tabela de classificação, levando em consideração duas

variáveis: homonímia/heteronímia entre narrador-personagem e autor, de um lado, e natureza do pacto (romanesco ou autobiográfico), de outro. Nesse quadro duas casas permanecem vazias, uma vez que Lejeune diz desconhecer a existência de pacto romanesco com coincidência de nomes de autor e narrador-personagem, bem como a de pacto autobiográfico em que divergem nomes do autor e do narrador-personagem.

Essas duas casas vazias da classificação de Lejeune chamaram a atenção de Serge Doubrovsky, que, à época, estava prestes a concluir seu livro *Fils* (1977). Ora, Doubrovsky escreve uma obra de tom romanesco, mas em que também se observa a coincidência, obviamente proposital, entre os nomes do autor e do narrador-personagem. Assim sendo, podemos dizer que ele escreve um livro cuja trama se sustenta a partir de dados autobiográficos, mas cujo texto se caracteriza por estratégias narrativas ficcionais. Isso poderia ser explicado pela descrença de Doubrovsky na possibilidade de se escrever, no cenário cultural pós-moderno, uma narrativa de memórias que preze pela exatidão em relação ao vivido. Ao contrário, sua concepção de autoficção, como versão pós-moderna da autobiografia, está pautada no reinventar e no recriar as experiências individuais do autor. Nesse sentido é que ele afirma que nenhuma escrita autobiográfica pode ser o retrato fiel do vivido, pois “a vida é vivida no corpo; o outro é um texto” (DOUBROVSKY, 2007). Portanto, uma autoficção se basearia na reconstrução da realidade segundo seu escritor a concebeu, percebeu e sentiu. É indubitável que todo discurso é atravessado pelo ponto de vista de quem o profere, mas aqui isso acontece de maneira mais categórica e mais enfática. Doubrovsky afirma que a autoficção é o texto que recria a realidade autobiográfica a partir da recomposição dos dados experimentais que a compõem, sempre perpassada pela

subjetividade de quem a viveu; e a define como “ficção de fatos e acontecimentos estritamente reais” (DOUBROVSKY, 2007).

Com efeito, ele está de pleno acordo com a teoria de Lejeune, pois considera que a autobiografia/autoficção é sempre caracterizada pelo pacto autobiográfico, realizado a partir da homonímia entre autor, narrador e personagem. Na direção contrária estaria o romance, ainda que autobiográfico, devido à natureza do pacto estabelecido com o leitor. Porém, ambos, autoficção e romance, são escritos, na contemporaneidade, com os mesmos códigos, estruturais e estilísticos, da ficção.

Teoria semelhante à de Doubrovsky foi desenvolvida por outro importante escritor de si, Philippe Vilain. As duas propostas teóricas partem do princípio de que o processo de criação autoficcional se inicia por dados da vida real do autor, mas estes mesmos dados se encontram tomados de sua visão subjetiva, no momento da(s) escrita(s) a respeito daquilo que lhe tenha acontecido. Ou seja, a fidelidade ao real se dilui na autoficção, e dá lugar ao “modo” como essa mesma realidade foi sentida e interpretada por quem a viveu. Isso acontece porque o que se constitui matéria primordial neste tipo de escrita, ou seja, a vida de uma pessoa real, jamais é percebida como um todo contínuo e palpável, mas sim como sensações esparsas, fragmentos de cenas e diálogos, emoções diluídas. Daí o exercício primordial de, através da linguagem, recriar os fatos de uma vida.

Na esteira desse raciocínio, é interessante destacar que Vilain considera a escrita como a grande propulsora das resignificações que o escritor faz de suas memórias. É no exercício de escrever que ele reinterpreta suas lembranças esparsas ao refletir sobre os acontecimentos de sua própria vida. Vilain afirma que “é reescrevendo sem parar nosso

passado que começamos a inventar, a burilar, e até a estetizar nossa memória” (VILAIN, 2009, tradução minha).

A maneira como o discurso é proferido se sobrepõe à narrativa cronológica dos fatos. Vilain afirma que cada autor tem seu modo próprio de conceber a própria história, e é a organização da mesma que caracteriza o texto autoficcional. “A autoficção não é uma falsificação, mas ao contrário um desvelamento do eu apreendido em todas as suas dimensões, e principalmente na relação particular, ficcional, que esse eu mantém com uma verdade literal, dos fatos e dos acontecimentos.” (VILAIN, 2009, tradução minha).

Passemos agora ao estudo de outro crítico francês, Vincent Colona. Ele escreveu o livro *Autofictions et autres mythomanies littéraires* (2004), resultado de sua tese defendida anos antes, em que propõe, dentre outras reflexões, uma tipologia de autoficções, criando uma classificação em quatro grupos distintos. O primeiro tipo seria o da autoficção fantástica na qual o autor se coloca como o herói de sua narrativa, mas transfigura o contexto em que sua história teria se passado, fantasiando a trama, o tempo ou o espaço, por exemplo. Aqui a existência do autor-narrador-personagem não está pautada na identidade verossímil, mas na imaginação criativa. Nas palavras do próprio autor, este tipo de texto constituiria uma “Autofabulação fantástica (...) o leitor experimenta com o autor um *devoir-ficcional*, um estado de despersonalização, mas também de expansão e de nomadismo de si.” (COLONA, 2004 tradução minha).

O segundo tipo seria o da autoficção biográfica. Nela, há um compromisso do autor em buscar o máximo possível a verossimilhança e possibilitar a verificabilidade dos fatos, tentando excluir todo e qualquer indício de falsificação ou fabulação. O texto está sempre buscando provar o que está narrado através de nomes, datas e descrições minuciosas de cenas.

A terceira classificação seria a da autoficção especular. Aqui, o autor não está preocupado em escrever uma narrativa cujo eixo central seja a história do herói. Obviamente o autor está presente, mas como uma imagem refletida no espelho. Ele se coloca num canto a observar o que se passa. Sente e interpreta sua vida como alguém que está de fora, ainda que este alguém seja sua própria imagem, a se olhar e a se questionar; ou seja, as emoções e as ações são descritas como se fossem um reflexo daquilo que realmente acontecera. E como os espelhos refletem de modo fidedigno o objeto que está a sua frente, assim a obra o fará: é desse reflexo e dessa percepção que nasce o texto autoficcional. Colona faz uma comparação que muito nos ajuda a compreender este terceiro tipo de sua classificação: “Um quadro dentro do quadro, como se o pintor estivesse pintando a cena que nós contemplamos.” (COLONA, 2004, tradução minha).

O último grupo seria o da autoficção intrusiva ou autorial, na qual o autor se vale de seu narrador-personagem como um comentador dos acontecimentos que se passam na história. Nestes textos, a presença do autor é como uma voz paralela à matéria descrita, que conduz o fio da narrativa através de um intenso jogo de linguagem: são digressões, intromissões, comentários e exposições detalhadas. Usando a obra de Balzac como ilustração declara Colona: “A margem de sua história, Balzac erige uma intriga secundária, aquela do narrador no momento de narrar, de envolver seu público.” (COLONA, 2004, tradução minha)

Ainda dentre os importantes intelectuais franceses que estudam as escritas de si, podemos citar Philippe Gasparini. Em seu artigo *De quoi l'autofiction est-elle le nom?* (2009), ele insiste na questão de que a autoficção nutre o grande debate sobre os limites da Literatura, uma vez que coloca em cheque as noções do factual e do ficcional, bem

como a do limite entre ambos. O crítico ainda destaca, em suas reflexões, que as autoficções devem sua existência a um crescente desejo por parte dos escritores de escrever suas autobiografias sem, no entanto, abrir mão do reconhecimento de sua qualidade artística, uma vez que o gênero autobiográfico sempre fora tratado com desprezo, tendo sido posto de lado pela História da Literatura. E talvez a razão primeira para esse descaso resida no fato de as autobiografias (e afins) sempre terem sido consideradas obras não-artísticas, cujo texto se aproximasse ao grau zero da escrita, em comparação com a supremacia da qualidade estética do gênero romanesco.

Gasparini ainda se questiona se as autoficções seriam tipicamente pós-modernas, tendo sido escritas apenas a partir da segunda metade do século XX, ou se já existiam anteriormente, mesmo que o neologismo que hoje as classifica ainda não tivesse sido cunhado. Para essa dúvida, ele ainda não encontrou resposta, continuam os debates e as reflexões. Contudo, é inegável que a autoficção porta uma característica fundamental da pós-modernidade, a dúvida sistemática. Não se crê em verdades universais e absolutas, mas se reconhece a existência de percepções relativas, descontínuas e fragmentadas; tudo é uma questão de linguagem, de argumentação. Nestes textos, há recortes, análises, constantes reinterpretações; eles não se propõem lineares, amarrados, cronológicos.

Justamente por apresentar características de fabulação num texto autobiográfico, Gasparini classifica os tipos de ficcionalização do vivido, que podem estar presentes numa autoficção. Seriam eles a inconsciente (por erros, esquecimentos, deformações, falhas de memória creditadas ao próprio autor) que não seriam necessariamente intencionais e, portanto, não denunciariam à priori uma intenção estética; a autofabulação, que leva inevitavelmente à presença do elemento fantástico, e consequentemente ao rompimento com o factual; e a voluntária, que está no trânsito

entre autobiografia e ficção, e que, portanto, se caracterizaria pela intencionalidade, por parte do autor, de se resignificar e de reelaborar o vivido a partir do exercício da escrita da sua própria história.

Ele destaca ainda que os autores autoficcionais não ambicionam justificar, nem explicar e nem mesmo ser fidedignos; ao contrário, eles se vêem fragmentados, se questionam, se interpretam, se constroem no e com o texto. Citamos: “Nesse sentido, pode-se dizer que autoficção é também o nome de uma mutação cultural (...). Acredito que em alguns domínios, a situação mudou profundamente. A escrita de si é, atualmente, não só tolerada como encorajada, valorizada e recompensada.” (GASPARINI, 2009, tradução minha.)

No que tange ao contrato de leitura, Gasparini considera que algumas obras são lidas como autobiografia, e outras como romance; posicionando-se contra a possibilidade de leitura que siga, a um só tempo, as duas direções, como se diz, às vezes, em relação à autoficção. Para ele, não há um terceiro tipo de pacto de leitura, que não seja o autobiográfico ou o romanesco, como já postulava Lejeune.

3. Os estudos de uma latino-americana

Saindo do ambiente cultural europeu, vemos que as pesquisas sobre a autoficção também ganham terreno na América Latina. Diana Klinger, em seu livro *Escritas de si, escritas do outro, o retorno do autor e a virada etnográfica* (2007) diz:

Nosso objetivo é articular a escrita com uma noção contemporânea da subjetividade, isto é, um sujeito não essencial, incompleto e suscetível de autocriação. (...) a autoficção – tal qual a definiremos aqui – surge em sintonia com o narcisismo da sociedade midiática contemporânea, mas, ao mesmo tempo, produz uma reflexão crítica sobre ele. (KLINGER, 2007).

A partir dessa passagem podemos perceber que a autora considera a escrita autoficcional um produto da era pós-moderna. Isso seria explicado pelas próprias características dos homens e escritores dessa época, marcados por um cenário cultural de ambigüidades, fragmentação, inseguranças e incertezas. Por isso, podemos dizer que o raciocínio de Klinger vai ao encontro ao de Doubrovsky no que tange à caracterização da autoficção como a autobiografia de nosso tempo.

A autora também trata em sua obra da relação entre o factual e o ficcional e de sua manifestação na escrita autobiográfica pós-moderna. O efeito de real, no caso da autoficção, não está em contraposição direta com a idéia de ficcionalidade, ou seja, com o romance, mas sim apontando para um *além-ficção*. Para ela, não se trata de estabelecer uma relação opositiva entre o romance, de um lado, e tudo o que engloba a chamada escrita de si, de outro. Ao contrário, este novo texto, o autoficcional, porta características próprias, a um só tempo híbridas e exclusivas, em que a questão da representação do sujeito vai mais além das noções de verdadeiro ou de falso, mas traz consigo uma outra saída, representativa dos novos tempos.

Ainda no livro supracitado, Klinger retoma as idéias de Gasparini para diferenciar dois tipos de escrita de si: o romance autobiográfico e a autoficção. Para ela, no primeiro há uma preocupação primordial com o verossímil e predominam as relações de semelhança. São aqueles textos em que o leitor suspeita que o herói seja o próprio autor, uma vez que percebe características comuns a ambos, mas nos quais o pacto autobiográfico não está firmado. Já a autoficção suscita dúvidas: não preza pela verificabilidade dos fatos narrados, e se permite, muitas vezes, inverossímil. Trata-se de obras pós-modernas, que trazem à tona heróis marcados pela instabilidade e pela fragmentação, e, por isso mesmo, enxergam, não só o mundo como a si mesmos, de

maneira contraditória, esparsa e descontínua. “A categoria de autoficção implica não necessariamente uma corrosão da verossimilhança interna do romance, e sim um questionamento das noções de verdade e de sujeito.” (KLINGER, 2007).

4. A autoficção segundo um brasileiro

No Brasil, existem outros críticos e escritores que, já se debruçam sobre questões envolvidas no campo semântico das escritas de si. Silviano Santiago, por exemplo, proferiu uma palestra no Rio de Janeiro em 2008, que foi publicada no mesmo ano, intitulada *Meditação sobre o ofício de criar*. Nela, o escritor e teórico faz comentários acerca da natureza híbrida do discurso literário no que tange aos conceitos canônicos de ficção e verdade.

Santiago reafirma em seu texto a relevância que os dados autobiográficos assumem em sua obra ao dizer, por exemplo, que

Os dados autobiográficos servem de alicerce na hora de idealizar e compor meus escritos e, eventualmente, podem servir ao leitor para explicá-los. Traduzem o contato reflexivo da subjetividade criadora com os fatos da realidade que me condicionam e os da existência que me conformam. (SANTIAGO, 2008).

Ora, percebemos nitidamente no trecho supracitado que o escritor concebe o discurso literário moderno e pós-moderno como híbrido em sua própria natureza. Todo texto, e mais especificamente a chamada autoficção, é perpassado pelos conceitos de verdade e de ficção, numa justaposição constante.

Em seu artigo, Silviano Santiago diz ainda preferir a autobiografia à confissão. Ele se vale de exemplos de sua infância, marcada pela vivência numa cidade de interior de cultura católica, para rechaçar o discurso confessional, o qual afirma estar fora de sua

obra. Ao contrário, o escritor valoriza o elemento autobiográfico, apesar de declarar que nunca escrevera uma autobiografia. De uma maneira bem particular e subjetiva, o escritor nos conta parte de sua infância, se autodefinindo como um menino problemático que se valia do discurso ficcional para esconder suas verdades íntimas e inconfessáveis.

Em seguida, Santiago volta a discutir a eliminação ou, pelo menos, o afrouxamento das fronteiras entre o real e o ficcional na autoficção, bem como o valor dado a este tipo de narrativa híbrida, usando sua própria obra como referência, uma vez que, portando elementos autobiográficos, faz parte do cânone literário brasileiro contemporâneo, algo impensável há alguns anos.

Um último ponto que gostaríamos de destacar a respeito do texto de Silviano Santiago está no tocante ao trânsito entre verdade e mentira. Citamos: “era o modo como o discurso autobiográfico se afastava do discurso confessional e já flertava, inconscientemente, com o discurso ficcional.” (SANTIAGO, 2008). Em sua obra, os dois conceitos se misturam num único texto, e da miscelânea entre os fatos reais de sua vida e suas fabulações subjetivas nascem mais obras classificadas como autoficções. “Essas mentiras, ou invenções autobiográficas, ou autoficções, tinham, estatuto de vivido, tinham consistência de experiência.” (SANTIAGO, 2008).

5. Considerações finais

Fizemos, ao longo deste artigo, um breve esclarecimento a respeito de conceitos fundamentais no que tange à definição da obra autoficcional, através da exposição de trabalhos de grandes estudiosos das escritas de si na França e na América Latina, inclusive no Brasil. O conceito é polêmico e ainda carece de muitos estudos para ser mais bem compreendido, no entanto, percebemos que cada vez mais se tem refletido

sobre ele, e que as diferenças entre as posturas teóricas só vêm a contribuir para o alargamento e o aprofundamento das discussões.

RÉSUMÉ : Ce travail est le resultat d'une mélange de beaucoup des idées présentées par différents intellectuels contemporains qui se dédie aux études des écritures de soi, e de l'autofiction en particulier. Il commence par ce qui est produit en France, pays où c'est possible d'encontrer les meilleurs débats sur la définition et les caractéristiques de ce qui est connu comme *autofiction*. Ensuite, ils sont presentés les travaux de Diana Klinger et Silviano Santiago qui, dehors du scenario culturel européen, ont donné leurs contributions pour les études de ce 'genre' entre nous. L'objectif de cet article est de presenter les divers points de vues théoriques et de donner une contribution pour l'approfondissement des réflexions sur l'écriture autoficcional dans la Critique Littéraire brésilienne.

Mots-clés : Autofiction, écritures de soi, fiction et vérité.

REFERÊNCIAS

DOUBROVSKY, Serge. •Os pingos nos ii•. In: JEANNELE, Jean-Louis, VIOLET, Catherine (org). *Genèse et autofiction*. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2007.

COLONA, Vincent. *Autofictions et autres mythomanies littéraires*. Paris : Tristram, 2004.

GASPARINI, Philippe. •De quoi l'autofiction est-elle le nom?• Disponível em: <http://www.autofiction.org/index.php?post/2010/01/02/De-quoi-l-autofiction-est-elle-le-nom-Par-Philippe-Gasparini>. Acesso em: 30 de jul de 2012 (2009).

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe, NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SANTIAGO, Silviano. "Meditação sobre o ofício de criar". *Aletria*. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2018/Silviano%20Santiago.pdf Acesso em: 30 de jul de 2012 (2008).

VILAIN, Philippe. *L'Autofiction en théorie suivi de deux entretiens avec Philippe Sollers & Philippe Lejeune*. Chatou: Les Editions de la transparence, 2009.